



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

INTENCIONALIDADE E EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO NO PENSAMENTO DE DENNETT E FLORIDI

JOSÉ CLAUDIO MATOS¹

Resumo: Este estudo procura estabelecer uma aproximação entre o pensamento de Luciano Floridi e Daniel Dennett, acerca do processo evolutivo da cultura e da informação. No pensamento de Dennett a noção de informação é abordada como um elemento importante dos processos de evolução cultural que deram origem ao meio ambiente denominado como *infosfera*. O que torna interessantes as ideias de Dennett é a relação inextricável que seu argumento estabelece entre evolução e informação. Floridi, com a expressão 'semantização do Ser', descreve um processo de mudança cultural, aplicado especialmente ao progresso do conhecimento, mas em linhas gerais a todas as manifestações de atribuição de significado a eventos e objetos, pela mediação de signos. Ele se refere a um processo de atribuição de significado e, portanto, de geração de informação. Este conceito oferece um horizonte a partir do qual se pode levantar questões e desenvolver importantes reflexões sobre a relação entre a informação e os diversos aspectos da vida intelectual e social dos seres humanos.

Palavras-chave: Floridi. Dennett. Semantização. Significado. Informação

Intentionality and evolution of meaning in Dennett's and Floridi's thought

1. Professor Adjunto – FAED/UDESC. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. E-mail: doutortodd@gmail.com

Abstract: This study intends to establish a dialogue between the thought of Luciano Floridi and Daniel Dennett, concerning the evolutionary process of culture and information. In Dennett's thought the notion of information is taken as an important element in the process of cultural evolution, giving rise to the environment called *infosphere*. What makes Dennett's ideas more interesting is the inextricable relationship between evolution and information. Floridi describes, by the expression "semanticization of Being", a process of cultural change, applied especially to the progress of knowledge, but in general, to all forms of assigning meaning to events and objects by the mediation of signs. It refers to a process of assigning meaning and, therefore, creating information. This concept offers a horizon from which to ask questions and develop important reflections on the relationship between the information and the various aspects of human life, intellectual and social.

Keywords: Floridi. Dennett. Semanticization. Meaning. Information

INTRODUÇÃO

Este estudo é uma reflexão filosófica, que procura estabelecer uma aproximação entre o pensamento de Daniel Dennett e Luciano Floridi. Sua motivação é a questão filosófica em torno do fenômeno da informação. No tratamento desta questão, contudo, os temas do significado e da intencionalidade se apresentam ao debate. O exercício de interpretar o pensamento de Dennett e Floridi de forma conectada, aqui apresentado, tenta operar com estas noções de forma a atingir uma compreensão satisfatória de alguns aspectos deste fenômeno, cuja relevância vem se tornando mais nítida na sociedade contemporânea, que é o fluxo da informação.

O campo conhecido como Filosofia da Informação tem, na obra de Floridi, um dos seus principais representantes. Seu horizonte de questões envolve a investigação filosófica em torno do conceito e das abordagens teóricas da informação. Esta área de estudos, portanto, toma a informação como o centro de sua agenda de discussões, procurando com isso estabelecer fundamentos conceituais relevantes para as chamadas ciências da informação, de um lado, e tratar de problemas filosóficos tradicionais em termos informacionais, de outro.

Em um artigo intitulado "What is the Philosophy of Information?" (2002), Floridi emprega a expressão "semantização do Ser" (*semanticization of Being*) para descrever o processo de mudança e evolução cultural, observado especialmente na forma do progresso do conhecimento, mas, em linhas mais gerais, na forma de todas as manifestações de atribuição de significado a eventos e objetos pela mediação de signos.

A semantização do Ser, para Floridi, representa o desenvolvimento dos produtos da mente humana, mediados pela linguagem. Neste sentido, é um processo levado adiante pelo fluxo da informação no ambiente social. A semantização, portanto, implica no desenvolvimento de formas de expressão para o conhecimento organizado cientificamente, na complexificação das atividades organizadas e das formas de vida social. Possivelmente, implica também no desenvolvimento da manipulação de matérias segundo técnicas e propósitos, próprios das belas artes e da literatura.

Dennett, como é amplamente conhecido dos leitores, dedica sua atenção ao campo da filosofia da mente, da teoria evolutiva das ciências cognitivas. No conjunto de seu pensamento, a noção de informação é abordada em diversos momentos, sobretudo como um elemento importante dos processos de evolução cultural que deram origem ao meio ambiente que é atualmente denominado por diversos autores como *infosfera*.

O que torna interessante olhar mais de perto para as ideias de Dennett, para os propósitos deste estudo, é a relação inextricável que seu argumento estabelece entre a evolução e a informação. Dennett defende que um processo evolutivo está em andamento no mundo natural, e tal processo se manifesta também no ambiente da cultura, da mente e do significado. Mais importante: aquilo que estabelece a ligação entre natureza e cultura, como dimensões do mesmo processo evolucionário é justamente a informação. Dennett insiste em que: “O que essa reflexão deixa muito claro é o fato de que aquilo que é preservado e transmitido na evolução cultural é informação – em um sentido de meios e linguagem neutros” (DENNETT, 1998, p. 369). Evolução, entendida desta maneira, é um processo de refinamento na produção, disseminação e recepção da informação que circula em diversos meios (linguagem oral, escrita, monumentos, artefatos) em um ambiente – seja o ambiente natural, seja o ambiente cultural.

A reflexão aqui apresentada é uma tentativa de interpretar a semantização do Ser, descrita por Floridi, não apenas como um processo de mudança e crescimento quantitativo, mas como parte de um grande e abrangente processo evolutivo. Isto significa dizer que se trata de um processo de acumulação seletiva de variações, de mudança qualitativa e aumento de complexidade, nos termos do algoritmo modelado pela primeira vez por Darwin em *A Origem das Espécies*.

Para esta tentativa obter êxito, é necessário indagar por um modelo teórico que possa fornecer um fundamento conceitual para esta concepção de evolução dos significados. Este modelo, segundo a hipótese aqui apresentada, é fornecido pelo pensamento de Daniel Dennett, especificamente em sua obra *A perigosa ideia de Darwin* (publicada originalmente em 1995). Recordemos que o capítulo 14 deste livro é justamente intitulado “A evolução dos significados”.

Convém mencionar que a intencionalidade, entendida por Dennett em um sentido bastante peculiar, é considerada por ele como um dos efeitos deste processo evolutivo. Neste processo, certas entidades vão sendo submetidas à pressão adaptativa, conforme o mecanismo de replicação-variação-seleção diferencial tornado conhecido por Darwin, em sua obra. Tais entidades desenvolvem a característica de indicarem, ou se referirem a outras, primeiro em um nível bioquímico, e em seguida, por inúmeros pequenos passos acumulativos, até o nível simbólico e conceitual observado, por exemplo, nas mentes humanas.

Assim, para Dennett, a mente humana em específico - com sua prodigiosa capacidade semântica - é uma espécie muito peculiar de artefato, projetado de forma irracional e algorítmica pela evolução por seleção natural. Em épocas mais recentes, este projeto foi potencializado pela emergência da linguagem, que tornou possível a transmissão e evolução cultural. Conforme Dennett: “A linguagem humana, primeiro falada e depois, bem recentemente, escrita, é sem dúvida o principal meio de transmissão cultural, criando a infosfera, onde ocorre a evolução cultural” (Dennett, 1998, p. 362). Em termos gerais, o ambiente cultural marcado pela interação e reprodução exponencial de informações, corporificadas nos mais diversos tipos de artefatos, é originado do mesmo processo, inicialmente irracional e algorítmico, mas que pelo acúmulo de complexidade, tornou possível a emergência da ação deliberada e da racionalidade.

Como conclusão de tal percurso, se espera mostrar em que medida a noção de semantização do Ser - formulada por Floridi a fim de explicar o crescimento exponencial da informação e sua crescente importância em todas as atividades humanas - é compatível com a descrição evolutiva da intencionalidade, tal como formulada por Dennett quando investiga a evolução dos significados.

Estabelecer o diálogo entre estas noções tem - pelo menos - uma consequência interessante: a de tornar possível descrever evolutivamente o ambiente cultural contemporâneo, nos termos de uma *infosfera*. Junto a esta descrição evolutiva se encontra presente, no pensamento de Dennett, uma versão da intencionalidade como algo resultante da evolução e, portanto, que não poderia ser considerada como um atributo exclusivo ou essencial da mente humana, ou da consciência, em algum sentido compreensível do termo. Ao invés disso, a mente deveria mais apropriadamente ser pensada como um artefato, ou conjunto de funções, que evoluiu em adaptação às condições da biosfera, tomando parte em um grande processo cósmico de desenvolvimento, complexificação e materialização da intencionalidade.

A SEMANTIZAÇÃO DO SER

Para explicar em que consiste a semantização do Ser, Floridi lança mão da distinção entre um estilo de pensamento inovador e um pensamento de caráter eminentemente conservador – que ele denomina ‘escolástico’. Ele descreve estes opostos como etapas de um processo de desenvolvimento cumulativo de complexidade, que tem a informação como seu elemento constituinte. Mais especificamente, é possível examinar com mais detida atenção a forma como Floridi relaciona a semantização do Ser com o processo de mudança nas concepções científicas e filosóficas, por meio da progressiva substituição de problemas e de estruturas teóricas.

É possível examinar a lógica evolutiva que subjaz à semantização do Ser, não tão explícita no discurso de Floridi, mas que se apresenta como uma consequência de suas afirmações. Floridi está interessado em provar a legitimidade e a autonomia de uma Filosofia da Informação, em relação a outros empreendimentos filosóficos e científicos a ela aparentados. Aponta, para isso, o fenômeno observável da chamada “era da informação”, impulsionado especialmente pelas tecnologias que dão base à emergência da inteligência artificial.

Neste esforço argumentativo é que ele recorre à ideia de semantização do Ser, como um processo de larga escala temporal, cujo ponto culminante vem a ser a sociedade da informação, tal como a observamos. As questões conceituais, evidenciadas pela importância cada vez maior da informação no ambiente cultural em que se vive atualmente, são as que motivam, segundo Floridi, a elaboração de uma filosofia da informação.

A partir desse horizonte, o objetivo teórico que vem sendo perseguido por muitos pensadores, incluindo o próprio Floridi, é o de reconectar o fenômeno da informação no processo geral da natureza, explicando a evolução dos significados, e o fluxo da informação na cultura humana, por um conjunto de regularidades mais gerais, que ofereçam sólida sustentação teórica-conceitual, assim como perspectivas de emprego prático.

Deste objetivo participa a presente investigação, quando procura aproximar a ideia de semantização do Ser com a ideia de evolução do significado. Semantização esta que, para Floridi, é tanto a *raison d'être* da Filosofia da Informação como campo de pesquisa, como causa do desenvolvimento progressivo e acumulativo da própria informação. Ou seja, a semantização é o aspecto observável de um processo de acumulação de complexidade, de emergência e desenvolvimento evolutivo. Este processo se associa de várias formas ao processo evolutivo que acontece na natureza,

com as formas de vida, das quais o ser humano é aquela que mais profundamente manifesta comportamento informacional.

O exercício do presente trabalho pode ser descrito, conforme o que vem sendo dito, como a tentativa de estabelecer a centralidade, relevância e algumas das consequências da ideia de semantização do Ser, tal como é formulada por Floridi, se contrastada com uma vigorosa visão evolutiva da informação e, em conexão com ela, do significado e da própria intencionalidade, nos termos descritos por Dennett.

Floridi afirma que “o desenvolvimento da sociedade humana atingiu agora um estágio em que discussões concernentes à criação, dinâmica, gestão e utilização de recursos informacionais e computacionais são absolutamente vitais” (FLORIDI, 2002, p. 127). É preciso, segundo ele, ampliar o espaço de reflexão e compreensão do comportamento informacional das pessoas em sociedade, a fim de dar conta das demandas que o ambiente da infosfera apresenta. Sabemos que esta é uma necessidade amplamente reconhecida, e tratada sob múltiplos aspectos por agentes profissionais e científicos de vários campos disciplinares – especialmente aqui, se está pensando na ciência da informação e suas áreas correlatas.

Um dos principais elementos desta mudança ambiental, e sua correspondente exigência de adaptação, é a tecnologia. Considere-se, especialmente, os aparatos técnicos usados na comunicação e na transmissão de informações, que se tornaram preponderantes em seu uso social após a metade do século XX. Floridi formula esta emergência nos seguintes termos:

A sociedade da informação foi tornada possível pela tecnologia de mais rápido crescimento na história. Nenhuma geração anterior havia sido exposta a uma tão extraordinária aceleração do poder tecnológico sobre a realidade, com as correspondentes mudanças sociais e responsabilidades éticas (FLORIDI, 2002, p. 127).

Aqui nesta passagem se apreende uma consequência muito importante deste conjunto de conquistas técnicas: as mudanças nas relações sociais, e a inauguração de um novo território de escolhas e valores éticos.

Em um sub-item do seu artigo, intitulado “A dialética da reflexão e a emergência da Filosofia da Informação”, Floridi se refere explicitamente ao processo que ele denomina “semantização do Ser”. Esta expressão refere-se a uma concepção bastante ousada da situação do ser humano no mundo. Seu significado preciso e sua relevância no discurso de Floridi precisam ser examinados com certo cuidado. Diz o autor: “De modo a emergir e florescer, a mente precisa dar sentido a seu ambiente por meio de continuamente investir dados (*affordances*) com significado” (FLORIDI, 2002, p. 129). O que isso significa é que, para as mentes humanas se desenvolverem até atingir o estado de inteligência, linguagem e demais funções

observadas atualmente, estas mentes gradualmente atribuíram significado a cada uma das partes do ambiente em que estavam situadas. O significado (*meaning*) é, portanto, um aspecto fundamental da vida mental.

Muitos outros autores vêm discutindo esta relação entre a vida mental e o comportamento semântico. Floridi participa deste debate, quando afirma: “A vida mental é assim o resultado de uma reação bem sucedida a um *horror vacui semantici*” (FLORIDI, 2002, p. 129). Tudo se passa, para a vida mental em nossa espécie, como se o mundo fosse organizado por meio da nossa ação, a fim de afugentar este primitivo horror ao vazio de significado.

A este processo gradual, acumulativo, de interação entre a mente e o ambiente, e entre as mentes individuais na sociedade, ao longo do tempo histórico, Floridi denomina “semantização do Ser”: numa palavra, atribuir significado ao que existe no mundo, fazendo somar ao Ser, o significado que a mente dá a ele. Nas palavras do filósofo:

A semantização do Ser, ou reação do Eu ao não-Eu (para usar termos fichteanos), consiste na herança e posterior elaboração, manutenção, e refinamento de narrativas factuais (identidade pessoal, experiência ordinária, *ethos* comunitário, valores familiares, teorias científicas, crenças do senso comum, e por aí vai) que são logicamente e contextualmente (e mesmo às vezes, completamente) constringidas e constantemente desafiadas pelos dados que elas precisam acomodar e explicar (FLORIDI, 2002, p. 130).

Ora, quando Floridi assume que a semantização do Ser é uma atividade inerente à mente, e que na verdade caracteriza a própria mentalidade e permite sua evolução e interação com o mundo, ele está se comprometendo - seja de forma expressa ou tácita - com uma teoria emergentista da mente, e inevitavelmente, com uma teoria emergentista do significado.

A semantização do Ser é resultado, para Floridi, de um processo complexo que, em sua análise, ele decompõe em quatro impulsos ou forças (*thrusts* no original):

- “Metasemantização das narrativas” (FLORIDI, 2002, p.130). Este primeiro impulso corresponde à atribuição de significação incidindo sobre a própria significação. A mente consciente narra para si mesma, em sua relação com o mundo, a sua própria trajetória. Este é o reconhecimento assumido pela consciência, de que sua atribuição de significado à realidade externa é necessária ao seu modo de ser. A consciência reconhece a si mesma como parte do mundo ao qual está conferindo significado e com isso, gradativamente, passa da atribuição do significado das coisas, para a autoconsciência do significado de si mesma, na forma de uma mente individual que confere significado às coisas.

- “Uma de-limitação da cultura” (FLORIDI, 2002, p.130). Floridi afirma: “O mundo da experiência significativa move-se de uma construção privada, intrasubjetiva e antropocêntrica, para uma realidade crescentemente intersubjetiva e descentralizada na pessoa” (FLORIDI, 2002, p. 130). Aqui ele se refere a como a informação significativa é comunicada e, portanto, assumida como parte de um universo compartilhado. Este segundo pressuposto se refere à objetivação dos sistemas de conceitos, uma vez que foram formulados na mente, e depois veiculados como *informações*, em linguagem pública e algum tipo de veículo ou suporte.

Este pressuposto equivale ao pensamento ou conhecimento comunicado, que como se pode reconhecer, é consecutivo à formulação de significados autoconscientes no interior da mente. A delimitação da cultura se dá quando os seres humanos passam a partilhar informações através do desenvolvimento e utilização da linguagem. Repare-se como a apropriação da linguagem reforça a si mesma e, portanto, faz crescer a cultura compartilhada, por causa de sua estrutura amigável para as mentes humanas. As crianças, por exemplo, logo nos primeiros anos de vida, facilmente adquirem a habilidade linguística necessária aos laços sociais, e passam a assumir um comportamento informacional e cultural. Assim, desde cedo se conectam a um ambiente muito mais amplo e complexo do que o mero ambiente físico: aquele composto pela linguagem e todos os significados mantidos e transformados pela comunicação humana.

- “Uma desfisicalização da cultura” (FLORIDI, 2002, p 131). As ocorrências e objetos da realidade humana gradualmente passam a ser representados, de forma a ultrapassar a experiência imediata. A experiência significativa é compartilhada e adquire, conforme Floridi, uma “aura informacional” (FLORIDI, 2002, p. 131). Os objetos revestidos pelo significado representam situações, possibilidades, expectativas e restrições, situados num campo que pode ser considerado *virtual*: “O aqui e agora é transformado e expandido” (FLORIDI, 2002, p. 131). Este enriquecimento dos objetos e eventos, proporcionado pelo investimento de informação significativa na relação do ser humano com eles, permite recorrer ao passado, projetar o futuro, ter contato com situações remotas ou probabilidades imaginadas. Este investimento informacional no mundo, aos poucos tende a tornar o ambiente humano menos hostil para a mente. Tende, em outras palavras, a permitir ao ser humano uma perspectiva maior de controle das condições de sua experiência.

- “Uma hipostasia (corporificação) do ambiente conceitual concebido e habitado pela mente” (FLORIDI, 2002, p. 131). Esta é a etapa final do processo acumulativo da semantização. A citação acima remonta imediatamente à noção de *hipostasia*, que na tradição filosófica remete à ideia de substância, ou Ser. Este termo recentemente vem sendo utilizado “para indicar a transformação falaz e sub-

reptícia de uma palavra ou de um conceito em substância, ou seja, numa coisa ou ente” (ABBAGNANO, 2003, p. 500). Mas a hipostasia do ambiente conceitual, ou seja, a objetificação do ambiente das informações, conceitos e ideias não precisa necessariamente possuir um sentido pejorativo. Não se trata, neste caso, de uma suposição desautorizada pela evidência. Antes disso, é um processo que pode ser constatado de diversas formas, e que tem sido alvo de explicações e formulações teóricas em décadas recentes. Os produtos da mente, quando adquirem formulação linguística, e seu conteúdo semântico é veiculado em diversos artefatos semânticos, passam a integrar o que se tem denominado em diversos estudos, justamente como *infosfera*.

Se formos examinar com olhar crítico os quatro impulsos que Floridi apresenta para a semantização do Ser, precisamos admitir pela força do argumento que eles não são simultâneos, mas sim etapas sucessivas de um encadeamento acumulativo. De forma breve: a mente reconhece sua intencionalidade ao longo do processamento de informações e da dotação das coisas com significado. Em seguida, instrumentalizadas com a linguagem, as mentes estabelecem um ambiente compartilhado de crenças, interesses e relações de comunicação. A partir disso, a experiência humana é ampliada para o campo aberto pelo investimento de significado – informações comunicadas – e a realidade do ‘aqui e agora’ se expande para um campo mais amplo de possibilidades. No ponto culminante, este campo de informações, corporificado em diversas formas de artefatos semânticos, passa a seguir uma dinâmica própria, e a se diferenciar dos pensamentos e ideias do mundo mental e linguístico subjetivo. Segundo Floridi:

Narrativas, incluindo valores, ideias, modas, emoções e a macronarrativa intencionalmente privilegiada que é o Eu pode ser moldada e reificada em ‘objetos semânticos’ ou ‘entidades de informação’ (FLORIDI, 2002, p. 131).

E assim, as ‘entidades de informação’ adquirem uma objetividade firme o bastante para que o filósofo aluda a isto com o – ambíguo - termo “hipostasia”.

Mas o que parece faltar nesta forma de explicar o crescimento da informação dotada de significado, é uma alusão a etapas anteriores. O primeiro impulso a que Floridi se refere já apresenta a mente em sua forma plenamente desenvolvida. Conforme o ponto de vista da interpretação aqui proposta, seria necessário dar conta de que a mente também é o resultado de um processo gradativo de desenvolvimento. Seria preciso, em outras palavras, perguntar como a mente veio a ser como é, em um mundo no qual inicialmente não havia mentes como a sua ou a minha. Na tentativa de satisfazer esta demanda, é que se recorre à concepção dennetiana segundo a qual o atual ambiente da infosfera, e as mentes humanas que nele interagem, são ambos resultados de um gradual e complexo processo evolutivo.

1.

A POSTURA INTENCIONAL

O tema da intencionalidade é objeto de um interessante debate filosófico, que envolve a noção de mente, de individualidade e também possui consequências para a sustentação de certas visões epistemológicas. Uma teoria naturalista da intencionalidade, a define, em termos gerais, como a qualidade de um ser, de 'estar para' outro ser. Melhor entendido, a qualidade pela qual uma coisa se dirige, ou se refere, ou indica outra.

Nesta linha de pensamento vai o filósofo Daniel Dennett, quando desenvolve sua conhecida teoria dos *sistemas intencionais*. Ele afirma que um sistema intencional é um ser cujas ações e características funcionais são mais adequadamente descritas atribuindo a ele intenções, crenças, estados mentais, ou seja, adotando um ponto de vista intencional.

Em sua terminologia, Dennett descreve sistemas intencionais como 'artefatos', ou seja, seres que acumulam em si certas funções, derivadas do processo acumulativo de projeto ou inteligência. Adiantando um pouco as coisas, poderíamos explicar isso dizendo que os sistemas intencionais são artefatos porque incorporam em si informação (Compreende-se 'informação' como conteúdos semânticos manifestos em algum suporte. Abordando o problema por outra via, dir-se-ia: 'informação' é a diferença em estados de coisas de sistemas intencionais, ou artefatos. Informação é uma característica, portanto, de entidades que são melhor descritas adotando aquilo que Dennett chama de 'postura intencional').

A teoria dos sistemas intencionais foi apresentada por Dennett na obra *Brainstorms* (1981), e desde então a discussão em torno deste assunto se desenvolveu em inúmeras direções teóricas e aplicadas, conforme se pode observar na literatura. Segundo o autor:

O primeiro ponto a notar a respeito dos sistemas intencionais como acabo de defini-los é que uma coisa particular é um sistema intencional apenas em relação às estratégias de alguém que está tentando explicar e prever seu comportamento (DENNETT, 2006, p. 34).

Veja-se que Dennett considera a intencionalidade como estratégia metodológica ou pressuposto para a compreensão de certos sistemas e entidades, e não apenas como um traço ontológico da consciência. Para o presente recorte, interessa especialmente que a intencionalidade não é um atributo exclusivo e essencial da mente, mas sim uma característica de toda entidade cujo funcionamento (a noção de *função* é fundamental para este ponto de vista) se pode compreender a partir da forma como ela se refere, ou aponta para outras coisas ou entidades.

Do ponto de vista da relação com as ideias de Floridi, uma primeira via de diálogo possível entre as duas perspectivas surge, quando se percebe como Dennett concebe sistemas intencionais como sistemas os quais: “Prediz-se o comportamento, neste caso, atribuindo ao sistema a posse de determinada informação” (DENNETT, 2006, p. 37). Dennett menciona “posse de informação”, em sua teoria dos sistemas intencionais, em um contexto que se aproxima de maneira notável do horizonte de conceitos em que Floridi elabora sua noção de semantização do Ser. O panorama naturalista evolutivo que subjaz a esta noção de intencionalidade, contudo, Dennett explica em detalhes na obra *A perigosa ideia de Darwin*, acima mencionada.

INTENCIONALIDADE E A EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO

Dennett está interessado em mostrar que uma das principais consequências da revolução darwiniana é a de enfraquecer a tradicional distinção entre o mundo natural e o mundo da mente, da linguagem e da cultura. Para isso, ele argumenta em favor de que o modelo de seleção natural se aplica a campos de discussão que ultrapassam a fronteira das ciências biológicas. Ele chega a ponto de supor que um rearranjo nos campos tradicionais do conhecimento seria a consequência da adoção de uma visão darwiniana do mundo. Em termos mais moderados, se poderia pensar neste projeto naturalista evolutivo como o projeto de uma unificação ou integração entre a natureza e a cultura. Tal unificação, aliás, já havia sido proposta no debate filosófico antes de Dennett, por autores como John Dewey, em 1910 (sobre a herança do pensamento de Dewey no naturalismo evolutivo de Dennett, vide Matos, 2013).

Dennett alude a uma concepção fortemente arraigada na tradição, segundo a qual a mente e o significado estão fortemente atrelados, e na qual a mente dificilmente poderia ter sido formada a partir de um longo processo de emergência evolutiva.

Esta visão tradicional implica numa relação de causalidade na qual a mente é a causa de toda intencionalidade e de todo significado observado no mundo. Em suas palavras:

Os filósofos costumam concordar, com bons motivos, que não se pode separar significado e mente, e nunca poderia haver significado onde não houvesse mente, ou mente onde não houvesse significado. *Intencionalidade* é o termo técnico ou filosófico para esse significado; é o ‘sobre o que se fala’ que pode relacionar uma coisa com a outra – um nome para seu dono, um aviso de alerta para o perigo que o acionou, uma palavra para seu referente, um pensamento para seu objeto. Só algumas coisas no universo manifestam intencionalidade. Um livro ou uma pintura podem ser sobre uma montanha, mas a montanha em si não é sobre nada (DENNETT, 2006, p. 212).

O que Dennett enxerga na perspectiva evolutiva, profundamente consagrada nas ciências da vida, e estendida ao domínio da filosofia e de outros campos do saber, é uma inversão da relação causal tradicional entre mente e intencionalidade. Sua conclusão é a de que a intencionalidade - ou mais precisamente: a composição complexa de um ambiente em que interagem entidades que manifestam diferentes graus de intencionalidade, gradativamente favoreceu a emergência de seres vivos que se beneficiaram de atribuir significados, e processar informação semântica.

Esta inversão é formulada por Dennett na afirmação de que

a intencionalidade não vem de cima; ela se infiltra de baixo para cima, desde os processos algorítmicos inicialmente irracionais e inúteis que, ao se desenvolver, vão aos poucos adquirindo significado e inteligência (DENNETT, 2006, p. 213).

Dennett reconhece a relutância dos estudiosos em admitir uma teoria naturalista evolutiva do significado, que se afirmasse a partir da dissolução da ligação causal estrita da mente para a intencionalidade. Esta ligação, para uma forte tradição, está no fundamento do significado que se pode extrair das coisas.

Dennett argumenta ainda contra a proposta de alguns filósofos da mente, de distinguir entre intencionalidade original – característica do mental, e intencionalidade derivada – observada nos artefatos e em especial em todos os objetos linguísticos ou informativos. Para Dennett, toda intencionalidade é do mesmo tipo: uma característica de certas entidades ou sistemas, que, em virtude da sua função (adaptativa), exhibe um comportamento de referência ou relação com outras entidades.

Esta relação se manifesta primeiramente nos aspectos físicos, para evoluir gradualmente a estados semânticos, cujo ponto mais alto é justamente a linguagem simbólica que constitui, afinal, o grande diferencial evolutivo das mentes humanas. Por meio da linguagem e da comunicação é que a biosfera dá origem a uma infosfera, cujo traço mais notável é a existência de um meio cultural compartilhado: “Nós temos a linguagem, o meio básico da cultura, e a linguagem abriu novos espaços no Espaço de Projeto aos quais só nós temos acesso” (DENNETT, 2006, p. 352). Na medida em que esta concepção pode ser aproximada à concepção de semantização do Ser, de que Floridi se vale em seu argumento para caracterizar a Filosofia da Informação, o cenário resultante é o de um ambiente informacional (cultural) que tem sua origem nos pontos mais remotos do processo gradual de retenção seletiva e adaptação diferencial, conhecido como evolução. Esta é uma forma de interpretar a semantização, apontando para a exigência de uma explicação da origem remota do significado, e fornecendo uma resposta evolutiva como candidata para suprir esta demanda.

CONCLUSÃO

Para que a *infosfera* seja possível, para um mundo de informação semântica ser possível, é preciso supor um mecanismo para a evolução de entidades que possam manifestar duas características de forma integrada:

Reconhecer significados.

- Se beneficiar deste reconhecimento de significados, pelo menos nos termos evolutivos e impessoais nos quais se fala de *função*.

- Tais características se coadunam com o que Dennett quer dizer com o termo “intencionalidade”. É este o sentido em que informação (semântica) e intencionalidade (característica de uma entidade ‘ser sobre’ alguma coisa) estão teoricamente interligados. Observe-se que uma conclusão deste tipo não está explícita na obra de Dennett, assim como não está explícita na obra de Floridi. Mas, na medida em que os argumentos aqui apresentados se sustentam, é a conclusão que resulta da leitura destes autores postos em diálogo.

REFERÊNCIAS:

DENNETT, Daniel. (1981). *Brainstorms – ensaios filosóficos sobre a mente e a consciência*. São Paulo: Unesp, 2006.

_____. (1995). *A perigosa ideia de Darwin*. Rio de Janeiro: rocco. 1998.

DEWEY, John. “The Influence of Darwinism on Philosophy”. In: *The Influence of Darwin on Philosophy, and Other Essays in Contemporary Thought*. New York: Holt, 1910; London: Bell, 1910.

FLORIDI, Luciano. “What is the Philosophy of Information?”. In: *Metaphilosophy*. Blackwell: Oxford. Vol. 33, n. 1-2, p. 123-145, january. 2002.

MATOS, José Claudio. “Dewey e Dennett: dos fundamentos do naturalismo evolutivo aos fundamentos da educação”. In: *Filosofia e Educação*. UNICAMP. V. 5, n. 2. 2013.